

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 113Data: 03.02.85

Pg.: _____

2º Clichê

Aumenta a tensão entre apinagés e fazendeiros

BARTHOLOMEU RODRIGUES
Enviado Especial

A Polícia Militar de Goiás reforçou ontem seu contingente nas proximidades da aldeia São José, em Tocantinópolis, onde os índios apinagés liderados pelo cacique Raoni, da tribo tchucarramae, aguardam ansiosos dos representantes do governo federal que chegam amanhã uma resposta favorável à demarcação de 148 mil hectares de terras, como pleiteiam, e não 85 mil como querem os fazendeiros locais. Estes, como os índios, estão dispostos a iniciar uma guerra em defesa de seus interesses.

Os apinagés acordaram ontem mais calmos, mas nem com isso os tchucarramae comandados por Raoni deixaram de preparar bordunas e outras armas típicas de guerra indígena. O cacique foi claro: não deseja brigar com os brancos, quer conversar e procurar um entendimento para a questão; porém não irá abrir mão por hipótese nenhuma dos hectares de terra que, no seu entendimento, pertencem tradicionalmente aos apinagés.

Raoni fala em nome dos índios locais muito a vontade. Explica que suas palavras refletem uma opinião generalizada e diz-se disposto a passar um mês inteiro longe de sua aldeia, no Xingu, apenas para garantir uma demarcação pacífica, que, segundo ele, começará de qualquer maneira amanhã mesmo, tão logo os representantes do Ministério para Assuntos Fundiários, Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (Getat) e o presidente da Funai, Nelson Marabuto, manifestem sua posição sobre o assunto.

Espera-se uma conversa marcada por acusações ásperas contra os brancos, principalmente porque os índios já sabem da presença de mais de uma centena de pistoleiros contratados para matá-los, além das ameaças de morte endereçadas a Raoni. Na barreira policial a menos de dois quilômetros da aldeia, 120 homens fortemente armados encarregaram-se de revistar qualquer pessoa que tenha necessidade de passar no território indígena. Segundo o tenente Miranda, responsável pelo comando, foram deslocados de outros municípios próximos mais de 80 policiais, que neste momento estão em estado de alerta máxima no quartel de Araguaína, a 180 quilômetros do local do conflito.

Ainda amanhã, Raoni espera a chegada de um grupamento da Divisão de Geografia do Exército baseado em Manaus, para um levantamento topográfico da área reivindicada pelos índios. Raoni diz ter recebido garantia do Exército de que o levantamento será feito em concordância com as lideranças indígenas, mas não soube expor a necessidade desse novo mapeamento, já que a região é detalhadamente conhecida pelas partes em conflito.

Apenas um incidente ocorrido anteontem à noite na cidade de Araguaína pareceu preocupar o cacique: assassinato do prefeito João Souza Lima pelo advogado Eraldo Alves Correia. Ao receber a notícia do crime, Raoni confessou ter sido informado, à noite, da morte do prefeito. "Os espíritos andam por onde eu ando. Eles me disseram que eu saberia disso hoje (ontem)." Em seguida procurou saber mais detalhes do episódio interessando-se particular-

mente pela razão do crime. O cacique só ficou mais tranquilo quando foi descartada qualquer ligação com o conflito entre os índios e fazendeiros em Tocantinópolis. — "Esse prefeito armava fazendeiro para me matar."

Mesmo não existindo ligação alguma — o assassinato foi de origem política — a notícia correu em Tocantinópolis como um estopim em busca de um barril de pólvora. Tudo é pretexto para acirrar as discussões nos bares onde pistoleiros armados e fazendeiros (declearadamente inimigos dos índios) despejam sua ira sobre o presidente da Funai, Nelson Marabuto, a quem acusam de estar promovendo conflito em nome da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que teria interesse em expulsar os brancos da região.

Principal defensor dessa idéia, o vereador Agostinho Araújo Rodrigues, do PMDB, disse estar disposto a "assinar embaixo" de qualquer denúncia que envolva a CVRD e Marabuto. "Ele recebe propina" disse, taxativo, o vereador, para quem a companhia "é apenas uma multinacional interessada no subsolo rico em minério dos índios". Demarcando os 148 mil hectares, segundo ele, os fazendeiros serão expulsos, e as portas ficarão abertas aos mineradores que contam com a assinatura do decreto presidencial permitindo a exploração de minérios em reservas indígenas.

O delegado da Funai, Gilberzo Azenha, vê nisso apenas uma estratégia dos fazendeiros para colocar as populações de todas as cidades da região contra a aldeia São José. Não há estudo oficial a respeito de minério no subsolo dos